

Escola - Formação - Responsabilidades

Elvira Ferreira

Ao nível do 1º Ciclo, julgo que nem toda a formação está a ter reflexos nas práticas dos professores, nem a conseguir mudar a escola, torná-la mais viva, mais atractiva, mais aberta, mais participada.

As escolas e os professores devem ter processos de mudança quase simultâneos, sob pena de boas experiências, motivação de alguns professores, dinâmicas de escola, ficarem isolados e acabarem por falir.

Não tinha dado por ela, mas o calor de Sevilha afectou-me a memória. Só pode ter sido por causa do calor que me esqueci totalmente duma reunião que tinha marcada com colegas de uma escola do 1º Ciclo de Leiria para o dia 24 de Julho. Mas as colegas insistiram, voltaram a telefonar e, depois de mil desculpas da minha parte, lá estivemos, quase todas, às 10 horas do dia 31 de Julho, um dia de férias.

Foi para mim motivo de regozijo dirigir-me a Leiria e dar uma ajuda na escolha de material didáctico de matemática que a escola pretendia adquirir. Levava jogos que fiz para a sala de aula e levava catálogos de material da APM. Algum desse material não era do conhecimento dos professores. Ficou, então, o compromisso de, no período de 1 a 16 de Setembro, me deslocar a essa escola e fazer algumas tardes de jogos com as colegas. Alguns desses jogos não existem à venda no mercado. Ficou a ideia da criação de um grupo para construir o material, aproveitando uma modalidade da formação contínua, que é o Círculo de Estudos. Algo ficou em aberto. Oxalá se possa avançar.

A escola também pode mudar assim: um grupo de professores interessado, o órgão de direcção da escola receptivo e a ajuda de alguém poderá ser importante. Por vezes, o que custa é dar o primeiro passo. Julgo que será um bom começo de ano para esta escola. Mais experiências destas são necessárias para mudar a escola, os professores e acontecer formação. Adivinho já Conselhos Escolares com muita discussão, divisão de tarefas, vontade de relatar situações de sala de aula, reacções de alunos, outros projectos, e... falta de tempo para, em duas horas por mês, tratar de tudo.

A maior parte de todo este processo

de formação contínua tem-se desenvolvido através dos Centros de Formação das Associações de Escolas. A estes cabe o papel de arranjam formadores e de desenvolverem um processo de inscrição nas acções disponíveis. Este processo é individual e obedece a alguns critérios para ser seleccionado para as Acções creditadas. Um desses critérios, julgo que prioritário, é estar próximo da mudança de escalão. Se assim acontecer, terá entrada assegurada numa acção, eventualmente numa da sua preferência.

Acontece, então, que 20 ou 25 professores estão escolhidos para iniciar um curso de 25, 50 ou mais horas, muitas vezes numa só semana e após o dia 15 de Julho, e, assim, vir a ter direito a uma mudança de escalão e, conseqüentemente, a um aumento de vencimento.

Utilizando uma categorização dos professores de Ana Benavente, poderíamos dizer que "o modelo actual de formação se baseia no pressuposto de que a formação contínua não deveria envolver apenas os militantes, mas também os meramente cumpridores e os desinvestidos da profissão. A fórmula encontrada pretende uma articulação da formação contínua com a carreira docente". Tal articulação poderá, a meu ver, desvirtuar a formação contínua e beneficiar a progressão na carreira. Como tal, os objectivos da formação contínua são postos em causa, ou melhor, dificilmente serão atingidos.

Então, os créditos deveriam acabar?

Julgo que o acabar com os créditos, a curto prazo, trará mais prejuízos do

que benefícios. Quantos de nós fomos aos cursos porque eram necessários os créditos? Quantos de nós frequentamos cursos que nos alertaram, que nos motivaram, que nos sensibilizaram e nos abriram outros horizontes? Não haverá experiências interessantes de cursos e que até deram créditos? Que se tem feito às boas experiências em cursos? Têm sequência no dia-a-dia dos professores e conseguem mudar a escola? ... preciso mudar as escolas?

Num recente curso que dei em Pombal, de 50 horas, a convite do Centro de Formação de Professores, participaram 40 professores do 1º ciclo, 30 dos quais nunca tinham participado numa acção de formação sobre Matemática, nove tinham participado numa acção de um dia que eu tinha dinamizado no ano anterior e uma professora já tinha participado num ou dois LeiriMat. A média das idades destes colegas era de 40 anos e uma média de 20 anos de serviço.

Através dum inquérito feito, no 1º dia do curso, foi perguntado quais eram as razões porque estavam ali e quais eram as suas expectativas em relação ao curso. Trinta e dois professores responderam que estavam ali por causa dos créditos serem necessários à progressão na carreira, embora, noutras alternativas de resposta, fosse notório o seu gosto de aprender, modificar as práticas e desejo de mudança. Quanto às suas expectativas, não resisto a transcrever algumas delas.

- Necessidade de mudança nas minhas estratégias. Preciso de ver a Matemática noutra perspectiva. Sinto-me insatisfeita na forma como trabalho os conteúdos matemáticos. Procuo inovação e espero inovação.
- Acho que poderei encontrar resposta a algumas dúvidas que me surgem no dia-a-dia, de modo a aperfeiçoar a minha prática pedagógica nesta área disciplinar.
- Procuo melhorar o meu desempenho na sala de aula, aprofundar os meus conhecimentos, reflectir

sobre o ensino da Matemática face aos desafios suscitados pela Reforma do Sistema Educativo.

É notório que apesar dos créditos há uma procura de algo que possa contribuir para um melhor desempenho. Os colegas não estão satisfeitos, sentem que há algo que está a mudar e, muito evidente também, uma preocupação ao nível da sala de aula, o que é bom registar.

Gostei imenso de ter estado durante três meses com estes colegas. Houve muito diálogo, partilha de saberes, conhecimento de outras realidades...

Nas conclusões feitas pelos colegas, deixo aqui algumas que me parecem dignas de registo e para reflectirmos sobre elas:

- Como foi citado na minha introdução, o objectivo principal que me fez inscrever nesta acção foi o número de créditos para a progressão na carreira, contudo, à medida que a acção foi decorrendo e eu a fui vivenciando a minha postura mudou em relação ao objectivo principal. Mostrou-me como esta disciplina deixou de ser uma disciplina passiva, com a qual os alunos embirravam, para ser uma disciplina viva, participativa, atraente, onde os alunos a podem usar como fonte de informação e de comunicação.
- São acções destas que conduzem o nosso ensino a uma tão urgente e desejável mudança. A aprendizagem não terminou!
- Valeu e valerá sempre a pena repensarmos o nosso papel enquanto agentes de ensino numa escola que é por tradição fornecedora de saberes mais do que aprendizagens.

Muitas mais poderia transcrever. O importante, neste momento, é a nossa reflexão sobre as coisas.

E a seguir? Como vai ser neste ano lectivo que se avizinha? Vão continuar as dinâmicas que já vinham desenvolvendo? Falei-lhes em projectos de sala de aula. Era importante ter um grupo para discutir, para se apoiar...

— Ah, se tivéssemos alguém a quem recorrer quando estivéssemos aflitas!

lá perguntando: - Então, como têm sido nos vossos Conselhos Escolares? Falam destas coisas? Falam das actividades que fazem com os vossos alunos? Discutem mais agora?

Sabe, é difícil sozinha fazer qualquer alteração ou falar das coisas que aqui se passam. Não pergunto nada e é difícil. Se fossemos mais, tínhamos mais hipóteses.

Deste grupo de professores houve dinâmicas e participações diferentes. Algumas colegas já tinham até a sua inscrição feita para o LeiriMat e outras vão decerto participar activamente no próximo LeiriMat até já com trabalhos realizados nas suas salas.

Entrar na escola, modificar a escola tem sido difícil, noto pela minha experiência como formadora e como professora.

Talvez seja cedo para fazer balanços dos cursos e das acções realizadas e a mudança das escolas. É um processo complexo e que envolveria muito trabalho, mas algo podíamos conhecer desta implicação. Considero urgente mudar a escola, ou, como diz Ramiro Marques "Torna-se necessário a invenção de uma nova escola. As mudanças envolvem novas relações, novas formas de tomada de decisão, novos currícula e novas maneiras de ensinar". Rui Canário, na revista *Noesis*, afirma também a propósito que "Mudar a escola deverá então significar fazê-la evoluir de um sistema de repetição de informações para um sistema de produção de saberes. Para que essa mudança seja viável é necessário que a formação de professores seja pensada em conformidade. No futuro da profissão docente, a natureza e modalidade da formação será decerto factor decisivo."

Ao nível do 1º Ciclo, julgo que nem toda a formação está a ter reflexos nas práticas dos professores, nem a conseguir mudar a escola, torná-la mais viva, mais atractiva, mais aberta, mais participada. As escolas e os professores devem ter processos de mudança quase simultâneos, sob

pena de boas experiências, motivação de alguns professores, dinâmicas de escola, ficarem isolados e acabarem por falir.

Considero que não estão, assim, a ser atingidos alguns dos objectivos fundamentais da formação contínua, e alguns deles muito importantes para que a formação contínua seja uma realidade e para que a progressão na carreira não se sobreponha à formação.

Poderá haver alternativas?

As escolas do 1º ciclo com um ou dois professores, e neste momento são 53,4%, têm de reunir com outra escola próxima um Conselho Escolar, mensal, de 2 horas. As escolas com 3 ou mais professores reúnem autonomamente o seu Conselho Escolar. Neste momento, as escolas com 3 e 4 professores são 23,4%.

Nos Conselhos Escolares com 3 e 4 professores, e são uma grande maioria neste momento, pela experiência e conhecimento que tenho, há pouca discussão sobre assuntos de escola, sobre assuntos pedagógicos, pouca reflexão. Tratam-se, quase exclusivamente, assuntos de carácter administrativo, como sejam leituras de circulares, cartas à Câmara Municipal, respostas a inquéritos do Ministério e pouco mais.

Também, na maioria destes Conselhos Escolares, tem havido pouca rotatividade dos seus membros e há vícios adquiridos que dificilmente desaparecerão num curto prazo de tempo.

Questões como: material a comprar, jogos, livros, máquinas de calcular, computadores, preparação de actividades de sala de aula, semanas da Matemática, discussão de textos, novas metodologias... raramente fazem parte da ordem de trabalhos da maioria dos Conselhos Escolares.

Daí, ser minha convicção que uma alteração ao número de professores por Conselho Escolar, entre 8 e 12, pudesse alterar este rumo. As conversas em circuito fechado teriam tendência a acabar, haveria menos

acomodação, poderia haver mais dinâmica e um ambiente mais propício ao desenvolvimento de projectos. Importante também neste processo é a figura do presidente do Conselho Escolar ou do Director de escola.

Um Conselho Escolar por mês é muito pouco. As escolas não mudaram, ou mudaram muito pouco durante os últimos anos. É necessário aumentar o número de Conselhos Escolares, talvez dois por mês.

Uma nova dinâmica dos Directores de escola ou Presidentes dos Conselhos Escolares vai ser necessária. A estes deve-se-lhes pedir novas competências tais como:

- estimular projectos inovadores
- impulsionar reuniões com professores que leccionem o mesmo ano de escolaridade
- propor temas para discussão
- organizar equipas que desenvolvam diversas actividades...
- Estimular as boas iniciativas tanto dos Directores de escola como dos presidentes dos Conselhos Escolares.

O Director de escola deve ser o professor mais competente, tanto pedagógica, como profissionalmente, mais disponível... Todos teríamos a ganhar com alguém que pudesse contribuir para a dignificação dos cargos, das instituições e da qualidade do ensino.

A criação de um Conselho Pedagógico, a nível concelhio, talvez pudesse ajudar toda esta estrutura e a própria formação contínua, em articulação ou não com os Centros de Formação de Professores.

Neste momento, e depois de alguma reflexão sobre o assunto e da minha experiência, talvez pudesse resultar, ou ser mais eficaz, uma formação contínua em duas fases:

1ª fase:

- selecção para frequência de cursos ou outras acções nos Centros de Formação ou outras entidades, feita não a título individual, mas envolvendo 2 ou mais professores de cada escola ou do mesmo Conselho Escolar.

2ª fase:

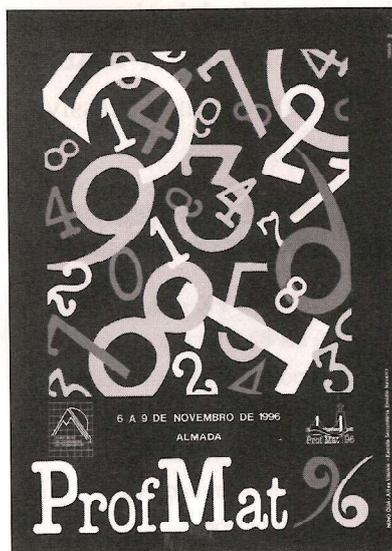
- Participação em projectos, ao nível da sala de aula, envolvendo os professores do Conselho Escolar onde trabalham;
- acompanhamento desses projectos por alguém de reconhecido mérito profissional, que poderia estar ligado aos Centros de Formação, a Associações Profissionais, a Centros de Formação de Professores e, sempre que possível, com experiência neste nível de ensino;
- aproveitar os dias para formação para seminários e reflexão;
- estimular e apoiar os Projectos Educativos;
- responsabilizar os professores na sua participação em acções devidamente organizadas e com objectivos bem definidos, que se enquadrem nos seus projectos, em actividades de sala de aula, tornando obrigatória a execução de um relatório da sua participação e avaliação das referidas acções;
- apoiar a divulgação de iniciativas;
- premiar o mérito e o empenhamento dos professores.

Todo este programa, pressupõe, a médio prazo, uma alternativa aos créditos, em que todos estariam empenhados, acompanhados, realizando-se enquanto docentes, concretizando, então sim, os objectivos fundamentais da formação contínua: "melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem; aperfeiçoamento das competências profissionais e pedagógicas dos docentes; incentivo à autoformação, à prática de investigação e inovação educacional; estímulo aos processos de mudança ao nível das escolas, em gerar dinâmicas formativas..." Tudo deixaria de estar só no papel, faria parte da vivência de todos, de professores, alunos e escolas.

Duma vez por todas, é necessário saber quem quer estar a sério nesta profissão. A quem não está interessado restam-lhe poucas alternativas.

É necessário, tal como afirma Rui Canário (1993), a "passagem de uma

(Continua na página 33)



e experiências e proporcionou momentos de discussão e reflexão.

Infelizmente não pude estar presente na Assembleia Geral. Sei, contudo, que foi muito concorrida, polémica e que o atraso ao jantar denunciou talvez falta de tempo para discutir tanta coisa. Um aspecto a rever?

Fora dos períodos de trabalho podíamos visitar a banca da APM, as bancas das editoras e aproveitar para

fazer, conscienciosamente, uma série de "cálculos monetários", para não nos excedermos nas compras.

Podíamos também visitar exposições como as "Outras Artes, Outras Paixões dos Professores de Matemática", que nos revelam talentos e sensibilidades apuradas de colegas, traduzidas em produções, muitas vezes, com qualidade profissional!

O espaço reservado aos fim de tarde mostrou-se bastante pequeno, comportando com dificuldade a grande quantidade de pessoas que ichegavam das sessões no fim do dia. Os mais atrasados já não conseguiram "molhar a garganta", mas podiam assistir às surpresas que iam surgindo e aproveitar o bom momento de convívio que se cria sempre ao fim de um dia de trabalho no ProfMat. Julgo, no entanto, que poderia ter havido

uma maior dinâmica deste espaço. Talvez recuperar a ideia da tenda de Leiria e Évora seja uma boa aposta.

Os momentos previstos para as noites são também dignos de referência, com uma nota especial ao excelente momento musical organizado pelos colegas de Setúbal e apresentado no jantar do ProfMat e ao espectáculo do Sérgio Godinho de onde todos saímos "com um brilhozinho nos olhos".

Cada ProfMat é um momento único de novas vivências e de novas experiências profissionais que aguardamos sempre com entusiasmo. Já estamos preparados para o próximo, também à beira mar. Lá nos encontraremos na Figueira da Foz.

Fernando Pires
E.S.E. de Portalegre

O número temático da *Educação e Matemática* sairá em Novembro, durante o ProfMat, e incidirá sobre:
A tecnologia no ensino da Matemática.
Serão bem vindas todas as contribuições.

Escola - Formação - Responsabilidades

(continuação da pág. 27)

cultura de conformidade, da dependência e da execução individual, para uma cultura de criatividade, de autonomia e do trabalho colectivo..."

Todos temos responsabilidades, Ministério, Professores, Associações e Sindicatos.

Plano de emergência no 1º ciclo?

Talvez emergência seja uma palavra forte de mais. Não tenho dúvidas em afirmar que é preciso dedicar mais atenção a este nível de ensino, que os professores têm de dedicar mais tempo à escola, que a mudança é urgente e que ela vai exigir mais entrega e mais trabalho de todos os profissionais.

Mia Couto afirmava no Expresso de 17 de Agosto de 1996: "estar desilu-

vido não é desistir". Também eu, estou algo desiludida, pois muitos professores estão acomodados, desinvestiram completamente na sua formação e profissão, a Reforma não passou da utopia de alguns, volta-se a ir buscar as fichas de há uns anos atrás, quando houve falta de acompanhamento e de controle dos efeitos da Reforma, quer ao nível das metodologias quer ao nível de cumprimento de programas; os Senhores Inspectores já só vêem os dossiers, os placards da escola, os manuais adoptados (há muitos anos fora da escola, da vivência com os professores e com os alunos, perderam um pouco a noção da realidade e da inovação necessária). No entanto, não desisto de lutar por um nível de ensino onde haja mais exigência, mais

trabalho de equipa, mais conhecimentos e contribuir para uma escola renovada, geradora de novas dinâmicas de trabalho, de novas responsabilidades, em suma, de uma nova cultura. Não se pode continuar a improvisar, a fazer festinhas, a alterar horários a seu belo prazer, sem respeito por alunos nem pais, a brincar ao faz de conta. O tempo urge que comecemos o mais rapidamente possível. Amanhã poderá ser tarde.

Bibliografia

- Marques, Ramiro (1996). *Reinventar a escola*. Noesis. Jan./Março. Lisboa: IIE
NCTM (1994). *Normas Profissionais para o Ensino da Matemática*. Lisboa: APM.

Elvira Ferreira
Escola do 1º Ciclo da Moita, Alcaboça